

Violência e Hip Hop: Transformando um Problema em Arte¹

Leonardo Luíz da Silva Araujo²

Universidade Federal do Espírito Santo

Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais

Resumo:

Este artigo visa mostrar como o *Hip Hop*³ enquanto cultura de rua atua na vida de jovens e na sociedade minimizando os danos causados pelas diversas formas de violência. O conceito de violência aqui tratado é um conceito próprio, colhido a partir de relato dos próprios agentes, ancorado pelo entendimento de violência de Michel Foucault. Para realizar este trabalho de caráter etnográfico, será utilizada uma perspectiva indiciária de Carlo Ginzburg que busca encontrar, através da experiência de vida de cada entrevistado, respostas para as perguntas acerca do seu entendimento sobre o que é violência e em que medida o *Hip Hop* trabalha na vida daquele jovem a respeito do seu próprio entendimento de violência. Para entender o *Hip Hop* enquanto movimento sociocultural, serão utilizados os autores Elizabeth de Souza Amaral, que vai fazer um mapeamento dos grupos de *Hip Hop* capixaba, cruzando com o pensamento de Alien Ness em *The Art Of Battle* e documentários que ajudam a entender a cultura de dentro para fora.

Palavras-Chaves: Hip Hop; Violência; Arte

Abstract:

This article aims to show how Hip Hop³ as a street culture acts in the lives of young people and in society, minimizing the damages caused by the various forms of violence. The concept of violence regarded here is a concept of its own, drawn from the agents' own account, anchored by Michel Foucault's understanding of violence. To carry out this work of ethnographic character, we will use an indicational perspective of Carlo Ginzburg which seeks to find, through the life experience of each interviewee, answers to questions about his understanding of what violence is and to what extent Hip Hop effects the life of that young person about their own understanding of violence. To understand Hip Hop as a sociocultural movement, this study will address authors such as Elizabeth de Souza Amaral, who will map out the Hip Hop groups from Espírito Santo, intersecting with the thinking of Alien Ness in *The Art Of Battle* and documentaries that help to understand its culture inside out.

Keywords: Hip Hop; Violence; Art

¹ Este trabalho compõe parte de uma dissertação com uma abrangência maior, provisoriamente intitulada "Violência e Hip Hop: Transformando um Problema em Arte".

² Mestrando no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, orientado pela Prof^ª Dr^ª Márcia Barros Ferreira Rodrigues. Bolsista CAPES e vinculado ao Núcleo de Estudos Indiciários (NEI), da mesma universidade.

³ Termos e vocabulário interno do meio estão explicados no Glossário ao final deste artigo.

1. Introdução

Dentro de um contexto sociocultural, o *Hip Hop* é tido como uma das culturas populares mais fortes entre os jovens. Muitos buscam no *Hip Hop* uma prática que só pode ser compreendida se estudada dentro de um contexto político, histórico e social. Percebendo como este movimento trabalha na vida do jovem, me instiguei a pesquisar sobre como funciona este processo e porque, mesmo não sendo mais aquela cultura de resistência racial da década de 70, continua sendo uma das culturas que mais incluem jovens no perfil da minoria social. Especialmente negros e de origem periférica.

É sabido que este é o mesmo perfil da principal vítima da violência urbana, descrita por Marcia Barros Rodrigues (2009) em suas pesquisas. Instiguei-me, portanto, em saber o que estes mesmos jovens entendem por violência e como lidam com isto. Levando em conta estas características, me faço a pergunta: Como a inclusão social dos jovens através do hip hop pode minimizar os danos causados pela violência na sociedade?

2. Metodologia – Do desconhecimento ao novo conhecimento

Para realizar esta pesquisa de caráter etnográfico eu precisei inicialmente fazer um exercício de desconhecimento do meio para que não interferisse com as minhas emoções na minha observação de campo. Como vinha ativamente do movimento *Hip Hop*, me propus a me afastar do meio pelo período de seis meses, que foi o tempo em que me dediquei à revisão de literatura. Com novos olhares agora, voltei ao campo com o estranhamento comportamental e passei a observar em terceira pessoa os eventos de *Hip Hop*. Observei o Projeto Boca a Boca (Evento itinerante que acontece em um bairro diferente a cada sexta-feira) e o Encontro de *B.Boys* no Terminal de Laranjeiras (Serra, ES). O primeiro tratava-se de uma batalha de *MCs* e o segundo um encontro com *B.Boys*.

A partir destes eventos selecionei agentes que emanavam certa relevância no movimento capixaba e marquei entrevistas em seus respectivos espaços de atuação. Conversei com Juliano Eliseu da Silva, 30 anos, conhecido como Chapola e Gerciano Alcantra Monteiro, 28 anos, conhecido como Marciano Nizza. Ambos *B.Boys*. Com eles realizei uma

entrevista semiestruturada utilizando a abordagem etnográfica, tendo como direção para a análise a perspectiva indiciária com o objetivo de descobrir como eles se relacionavam com o *Hip Hop* e com as diversas formas de violência.

A partir deles, percebi a importância da demanda em se dar atenção às mulheres do movimento, então fiz o mesmo com o grupo Conexão *Flow*, formado exclusivamente por *B.Girls* e dançarinas de outros estilos. Andryelly Guimarães Carvalho, 26 anos, é a líder da *crew* e é conhecida como Magrela. Suas dançarinas são Aldynne Kelly Siqueira, 19 anos, Nathália da Silva Tavares Rosado, 19 anos, Leticia Marques Henriques, 16 anos, Emanuely Cardoso Soares, 24 anos, Stephany Almeida Souza, 20 anos, Clara Fernandes Nascimento Lodi, 15 anos e Jamile Pinho da Silva, 20 anos. Apesar de nem todas considerarem-se *B.Girls*, todas consideram-se pertencentes ao movimento *Hip Hop*. No grupo Conexão *Flow* eu entrevistei estas oito meninas em dois momentos, o primeiro em grupo e o segundo com aprofundamento em perguntas individuais. Acompanhei um dia de treino e a preparação para um evento que ocorreu no mesmo dia. Ao final da minha pesquisa, juntei as primeiras informações e comparei as semelhanças e diferenças dos relatos.

3. Higher Infinite Power Healing Our People

Higher Infinite Power Healing Our People é o que abreviamos como *HIP HOP*. Alto poder infinito que Cura o nosso povo. Esta significação do nome *Hip Hop* pode parecer abstrata demais a princípio, mas ao final deste artigo ela fará sentido, quando descobirmos que poder é este, como ele cura, do quê ele cura e quem ele cura.

O *Hip Hop* é uma cultura formada por quatro elementos fundamentais. O *Rap* (a parte musical), o *Break* (A dança), o *Graffiti* (pintura) e o *DJ* (Responsável pelas batidas e que serve de base para os outros elementos). Este movimento veio para o Brasil chegando primeiramente em São Paulo, e o foco de concentração era a Estação São Bento, de metrô. No Espírito Santo, o hip hop chegou a partir de influências dos estados do Rio de Janeiro

e São Paulo, e da mídia, que começava a mostrar pouca coisa. Segundo Sagaz, grafiteiro e MC que acompanha o *Hip Hop* desde o seu surgimento aqui no estado, foi em uma novela intitulada “Partido Alto” (Década de 80), que mostrava vários cliques de Michael Jackson e uma rapaziada dançando *Break* que o *Hip Hop* teve a sua primeira visibilidade e os primeiros adeptos por aqui (AMARAL, 2009).

Para ser *Hip Hop*, nenhum destes elementos podem ser compreendidos sozinho. Todos eles pertencem a um contexto histórico e social que os unem em semelhança. O *Rap* não é *Hip Hop* se for somente *Rap*. O *Rap*, quando visto sozinho, é simplesmente um estilo musical. Ele deve estar contextualizado no movimento e preocupado com as causas do *Hip Hop* para ser *Hip Hop*. Quais causas são estas veremos mais à frente. Da mesma forma o *Break*, o *Graffiti* e o *DJ*. Apenas dançar *Break*, fazer *Graffiti* ou ser *DJ* não coloca o sujeito como pertencente ao movimento *Hip Hop*, é necessário estar contextualizado nesta problematização social. Foi constatado que cada agente do *Hip Hop* observado nesta pesquisa tem uma visão de mundo e objetivos diferentes, mas todos têm em semelhança a militância da causa social. A palavra que une a todos é solidariedade. Manifestada de formas diferentes, consciente ou inconscientemente, a solidariedade é presente no objetivo principal ou no estilo de vida de cada integrante do movimento. Como coloca Marciano Nizza: “muitos acham que são *Hip Hop*, mas não são *Hip Hop*. Eu estou sendo muito mais *Hip Hop* aqui tendo esta conversa com você do que dançando ‘numa *Cypher*. *Hip Hop* é transmitir informação e conhecimento.”

Amaral (2009. P.65) aponta dois temas de reflexão política presentes no Brasil no início da década de 90 que vieram como carros-chefes do *Hip Hop*: O reconhecimento da Negritude e o experimentalismo do fazer diferente a “vida-arte” dos jovens na periferia, que seria a problematização de uma cultura de resistência. Com isto surgem super afirmações como “Os Mandamentos *Black*”. São eles: “Andar como anda um *black*, falar como fala um *black*, dançar como dança um *black*, usar sempre o cumprimento *black*”. (Gerson King Combo, Mandamentos *Black*). O que esta música nos traz seria uma auto afirmação de uma cultura negra. Então, um militante desta cultura, deve se auto afirmar pertencente a este grupo, independente se esteja no baile, na rua, em casa, na escola... Segundo Gerson King

Combo, ele deve “portar-se como um *black*” para ser legitimamente considerado pertencente ao movimento *Hip Hop*.

Outra característica deste movimento é tentar cativar novos públicos espalhando a semente para que o movimento cresça. É objetivo do militante do hip hop fazer com que este movimento se perpetue. O que pode ser observado na fala de Chapola, que se considera como um multiplicador da cultura. Ele vê como objetivo principal multiplicar a sua arte para aqueles que andam com ele e observar no outro a sua reprodução que vai passando numa corrente de multiplicação sem fim. Em um trecho da publicação de Amaral podemos encontrar:

[...]Para tal, é preciso fazer mais “manos”, procurando apoio entre eles mesmos, na tentativa constante de ir mantendo a potência de vida criativa, intervindo assim, de forma coletiva, na sobrevivência da comunidade. (AMARAL, 2009. P.66)

Um elemento importantíssimo na cultura hip hop é a consciência. Todo *Hip Hopper* deve ter a consciência social de saber que existe a desigualdade e, com o que pode, lutar contra a exclusão. As letras de *Rap* e *Graffiti* servem como forma de denúncia da legitimação à segregação dos negros. Comumente carregadas com cargas étnicas e sociais, o *Hip Hop* sempre teve o papel de expor a verdade das condições de vida dos moradores do gueto.

[Assim como periferia é periferia em qualquer lugar, violência é violência em qualquer periferia. Não por outro motivo a violência é uma presença constante nas letras de rap. Ela é parte intrínseca do cotidiano vivenciado pelos jovens, o rap incorpora esta violência em seu discurso (GUIMARÃES APUD AMARAL, 1999, p. 40-41)

Podemos entender portanto que o movimento *Hip Hop* ultrapassa o campo artístico para ser entendido como uma abordagem muito mais complexa de militância, história e estilo de vida.

4. O que é violência na visão do *Hip Hopper*?

A definição de violência é algo extremamente relativo de uma pessoa para outra. Foi percebido que algumas vezes, esta definição muda a partir do momento em que uma pessoa passa a fazer parte do movimento e ter contato com outras ideias. Para as definições pré-*Hip Hop*, há um consenso de que a violência seria todo o tipo de agressão, com destaque para agressão física. Foi observado, porém que, depois de um certo tempo fazendo parte da cultura, esta definição passa a ser mais simbólica. Meninas apontam um grande destaque para o machismo e os meninos destacam o racismo. Ambos velados e escondidos.

A mais adequada descrição de violência que foi colhida nesta pesquisa seria a restrição. De certa forma, todos relataram formas de violência que se encaixam em algum tipo de impedimento. O impedimento de estar realizando sentindo ou fazendo. A violência simbólica passou a tomar uma importância maior em relação à violência física no que diz respeito ao maior sofrimento dos integrantes. Há relatos de agressões, mas ainda assim, estas agressões têm raízes que vieram do caráter simbólico, o que é exemplo da violência doméstica, presenciada por quase todos os entrevistados.

A violência, de certa forma, sempre esteve presente na vida dos agentes observados, manifestada de uma forma ou de outra. Mas nem todos tomavam ciência de o que era violência ou não. Chapola observa que hoje, inclusive, ele sofre mais do que antes. Mas este sofrimento veio de uma tomada de consciência de algo que ele sempre sofreu, mas que tinha como normatizado. Historicamente falando, o *Hip Hop* foi formado por sofredores, excluídos e renegados. Este padrão continua até os dias atuais.

Chapola destaca que observa em sua *crew* que quanto mais escuro, maior a restrição sofrida por eles. Quando estão todos juntos, todos são associados da mesma forma, mas quando separados, os tratamentos são diferentes para um e para outro. A restrição citada pelos agentes é vivida em todos os campos de convivência que eles frequentam. Chapola ainda relata um episódio em que ouviu a seguinte declaração de sua professora dentro da universidade: “Projéctinho de dança e coreografiazinha não leva aluno a lugar nenhum”. Discurso que reforça a diminuição do trabalho de Juliano, que, neste momento atua como educador social. A violência então, surge de forma sutil, nunca rebatida ou problematizada até que se tome o empoderamento da cultura que você participa.

5. Resiliência das “Minas”

Algo incrivelmente presente no movimento e descrito principalmente pelas meninas é o machismo refletido dentro e fora do *Hip Hop*, que torna a permanência das mulheres algo muito mais difícil. Das forças exteriores, a desmotivação parte de família e da sociedade como um todo, atribuindo ao movimento um caráter masculino, “desfeminizando” as atuantes da cultura. Além disso, é percebido que nas adolescentes há uma cobrança em casa como tarefas domésticas. O treino do *Break* acaba se tornando sinônimo de vagabundagem, visto que é um momento a menos que estas garotas passam nessas atividades.

De dentro para fora, porém, a cobrança é ainda maior. Segundo as entrevistadas, o comportamento dos *B.Boys* diante de meninas do movimento é hora desrespeitoso, hora intimidador, hora desmotivador. Foi percebido entre as meninas uma grande dificuldade de se enturmar com os rapazes justamente por conta disto, o que nos traz uma incoerência no caráter inclusivo do movimento. As atitudes citadas pelas *B.Girls* que mais atuam como força desmotivadora são assédio, rumores sobre sua vida íntima e discurso de diminuição de suas capacidades. As próprias alegam que a sociedade já é machista, e isto que elas observam no *Hip Hop* seria tão somente o reflexo do que a sociedade já nos dá. Isto pode responder, por exemplo, o motivo da escassez de mulheres atuantes na cultura. A Inicialização para elas, é tão difícil quanto a permanência, e é justamente neste ponto que amplia-se a solidariedade e sororidade entre elas.

B.Girl Magrela, líder do Conexão *Flow*, é vista basicamente como uma mãe entre suas parceiras de *crew*. Foi observado o esforço para além das expectativas por parte dela para manter as meninas motivadas e presente. Um exemplo é que no dia da entrevista com sua *crew*, ela própria chegou atrasada, pois tinha ido de ônibus a outro município buscar uma integrante do grupo que não tinha passagem de ônibus naquele dia. Integrantes do grupo me afirmaram que ela faz isto com frequência. No mesmo dia ela ainda tirou do próprio bolso para comprar um lanche para as meninas, pois o ensaio atravessava o horário do almoço e, de lá, todas iriam direto para um evento. As atitudes de Magrela me mostram um esforço muito além do esperado para realizar o seu trabalho junto às suas parceiras. Observei entre elas (as integrantes da atual formação da *crew*) uma grande rede de solidariedade da qual todas oferecem apoio umas às outras. O machismo institucionalizado, porém, faz com que elas próprias se critiquem em vários momentos na intenção de evitarem constrangimentos futuros.

Chapola destaca que, entre as suas alunas, ele precisou adotar uma postura diferenciada para proteger as garotas do assédio dos rapazes. Com suas próprias palavras, ele diz que ensina as meninas uma postura *underground*. Nesta postura, elas são “boladas”. Ser

“bolada” é tomar uma postura hostil que emana seriedade e agressividade na sua presença. O motivo da postura *underground* é blindar as garotas para que elas evitem futuros assédios. Desta forma, os assediadores são intimidados, ao invés de o contrário.

6. Do Hip Hop à emancipação

A partir da resposta que tivemos do entendimento do *Hip Hopper* acerca de o que seria violência, pudemos analisar qual foi a mudança que ocorreu na vida do agente a partir do momento em que entrou em contato com a cultura. De uma forma geral, todos os envolvidos tiveram a experiência da tomada de consciência e da auto aceitação.

Formas de violência das mais diversas foram constatadas, com ênfase em racismo, machismo e preconceito de origem. Aqueles que estão diretamente envolvidos na cultura *Hip Hop*, não necessariamente afirmam deixar de passar por tais violências ou relatam diminuição do sofrimento. Pelo contrário, Chapola afirma, como já citado, que, nos dias atuais, ele sofre mais. Tal como as meninas do Conexão *Flow*, que se veem vítimas de machismo dentro e fora da cultura. O que muda efetivamente neste quadro é que hoje estes agentes conseguem enxergar as diversas formas de violência e se veem com mais força para combater as injustiças sociais que sofrem.

No que diz respeito à aceitação, o *Hip Hop* serviu como fonte de empoderamento, emanando um amor próprio que antes não era estimulado. Relatos principalmente vindos da condição de “morar no beco” acabaram-se transformando de motivo de chacota para algo do que orgulhar-se. A favela é algo louvável dentro do *Hip Hop*, a ponto de haver inclusive uma inversão de valores sociais. Aquele integrante de tem origem da favela acaba por ter mais prestígio do que o integrante que tem origem em bairro nobre. A etnia negra também ganha uma força de empoderamento e beleza, enaltecido principalmente pelas letras de *Rap*.

Marciano Nizza ressalta em sua fala “Quem tem poder é o negro”, mostrando como o *Hip Hop* foi uma incrível ferramenta de protagonismo onde o negro pode se ver como inventor da sua própria história. O próprio Marciano descreve como encontrou no *Hip Hop* um lugar onde se sentiu aceito, quando antes, sofrera preconceito religioso na escola. O *Hip Hop*, por ser uma cultura formada por agentes de inúmeras culturas e mais de dez nacionalidades diferentes convivendo no mesmo ambiente, seria a cultura mais pluricultural, tolerante à entrada do novo e do diferente. Marciano inclusive, foi um apelido pejorativo, vindo do estranhamento dos seus colegas de sala, que o chamavam de “Marciano Macumbeirinho”. Ele foi adotar o apelido depois que se aceitou por completo dentro da cultura. Isto fez com

que o próprio desenvolvesse uma sede de informação, para conhecer a história do *Hip Hop* e garantir que as pessoas ao seu redor também conheçam, com isto, não sejam ignorantes culturais.

Marciano destaca a importância do *Hip Hop* enquanto canalizador da violência urbana, citando histórias onde mais de cem gangues simplesmente decretaram trégua em prol da arte. Estes relatos podem ser compreendidos mais detalhadamente nos documentários “*The Wars*” e “*Rubble Kings*”. Mas ele destaca também que o *Hip Hop* não é uma cultura pacífica, é uma cultura de enfrentamento, pois se fosse pacífica estas gangues não teriam dado trégua. À luz desta informação, ele afirma utilizar o *Hip Hop* como uma poderosa arma de convencimento de que os conflitos sociais podem ser transformados em arte.



Figura 1: Pacificação entre as gangues em prol do *Hip Hop*

Fonte: *Rubble Kings*

Todos os entrevistados, apesar de terem objetivos e histórias bem diferentes entre si, tem em comum três coisas. No passado o protagonismo dentro do preconceito simbólico velado pela normatização; no presente a solidariedade para com os seus parceiros próximos e um interesse em se fazer enaltecer e crescer o *Hip Hop* capixaba; e no futuro um sonho de ver a sua arte multiplicada, se vendo a frente de uma iniciativa que forme novos *Hip Hoppers*.

7. Considerações Finais

Podemos então, com as experiências relatadas nesta dissertação, passar a entender o nome *Hip Hop* (*Higher Infinite Power Healing Our People*) com exemplos reais para explicarmos o seu significado. O poder que estamos falando é o poder do empoderamento e da desalienação para com os problemas sociais existentes no mundo. Ele é infinito, pois o *Hip Hop* leva como característica fundamental a multiplicação da arte para o surgimento e a renovação constante de *Hip Hoppers*. Esta cura se dá a partir do momento em que os agentes tomam consciência das formas de violência que sofrem e ganham força através do empoderamento e da solidariedade para não se calarem e combaterem as injustiças sociais. E o povo atendido pela instituição *Hip Hop* é o povo menos favorecido socialmente, seja em gênero, origem, etnia ou demais minorias sociais.

Obviamente o *Hip Hop* não responde a todas as perguntas, por exemplo a própria reprodução do machismo, falhando na sua primeira missão de inclusão. Mas mesmo com os problemas relatados pelas mulheres, nenhuma delas demonstrou desmotivação maior do que as forças que as motivam. A dança como arte e o convívio social que o *Hip Hop* lhes proporcionou se mostraram como as principais força-motrizas para a permanência das meninas. Elas gostam muito de dançar, gostam de estar juntas e tem um objetivo firme sobre o que querem, enfrentando ou não os problemas que surgem. Mas com a solidariedade entre elas observada, os problemas se tornam menos complicados de serem combatidos.

Voltando então à afirmação da professora universitária relatada por Chapola, “Projeto de dança e coreografiazinha não leva aluno a lugar nenhum”, podemos deslegitimar esta fala com a própria experiência dos agentes observados. A maioria dos entrevistados vieram ao *Hip Hop* através de projetos com um professor à frente. Posso entender inclusive a experiência do Conexão *Flow* como um projeto social não remunerado. Não preciso repetir o que o *Hip Hop* fez na vida de cada um. Seja de uma forma ou de outra, todos se sentem representados e protagonistas dentro da área que atuam.

8. Glossário

B.Boy: Dançarino de *Break*. Abreviação para “*Break Boy*”;

B.Girl: Dançarina de *Break*. Abreviação para “*Break Girl*”;

Bolado: Gíria que, no contexto apresentado, representa o sujeito portador de uma atitude hostil;

Break: Dança característica da cultura *Hip Hop*;

Crew: Grupo de *Hip Hoppers* que atuam juntos, sendo *B.Boys*, *B.Girls*, *MCs*, Grafiteiros ou mais de um elemento na mesma *crew*;

DJ: Profissional que manuseia as *Pick-Ups* produzindo e mixando sons. Abreviação para *Disc Jockey*;

Favela: Separação geográfica que denota um conjunto de habitações populares que utilizam materiais improvisados em sua construção tosca, e onde residem pessoas, em sua maioria, de baixa renda.

Flow: Fluência. Para o *Rap*, seria a fluência e velocidade da fala na hora de rimar. Para o *Break*, a fluência e transição entre um passo e outro de dança.

Graffiti: Arte urbana caracterizada pela pintura marginal executada em espaços públicos, normalmente feitas com latas de *spray*;

Grafiteiro: Artista produtor do *graffiti*;

Hip Hop: Movimento artístico, social, histórico e cultural que enquadra a união dos elementos *DJ*, *B.Boy*, *MC* e *Graffiti*;

Hip Hopper: Agente atuante da cultura *Hip Hop*;

Mano: Gíria para a figura masculina que se assemelha culturalmente com quem fala;

MC: Porta voz da cultura *Hip Hop*, agente responsável pela apresentação dos eventos e contato direto entre o meio artístico e a periferia. Normalmente o *MC* e o *Rapper* são a mesma pessoa e ambos os títulos se confundem entre si. A principal diferença entre um e outro é que o primeiro precisa estar obrigatoriamente inserido na Cultura *Hip Hop* como causa social, ao passo que o segundo basta cantar *Rap*. Entende-se que o *MC* é um cargo superior perante o *Rapper*. Abreviação de *Master of Ceremony*;

Mina: Gíria para a figura feminina que se assemelha culturalmente com quem fala;

Pick-Up: Aparelho que usa dois discos de vinil pensado para se produzir mixagens de sons.

Rap: Estilo musical cuja principal característica é o vocal falado e as batidas constantes. Abreviação de *Rhythm And Poetry*;

Rapper: Artista que canta *Rap*;

Underground: Utilizado no *Hip Hop* para descrever uma postura mais hostil, associado a gangues.

9. Referências Bibliográficas

GINZBURG, Carlo. O fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, fictício. Il Filo e Le Tracce: vero falso finto. 2006. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão, São Paulo.

RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. Vida Moderna: Sensações, espetáculo, mercado, cultura e violências. 2013. Revista Simbiótica – UFES.

RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. Razão e Sensibilidade: Reflexões em torno do Paradigma Indiciário. 2005. Artigo publicado em Dimensões nº 17, 213-221 pp.

RODRIGUES, Marcia Barros Ferreira. Consumo e Violência: o fetiche no jogo de dominação da juventude. Curitiba : Juruá, 2010.

AMARAL, Elizabeth de Souza. Com licença Hip-Hop: Mapeamento dos grupos de Hip-Hop na grande Vitória, Espírito Santos. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo. 2009.

HARAWAY, Donna. Tentacular Thinking – Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene. New York: E-flux Journal #75, 2016.

INGOLD, Tim. Estar Vivo – Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. 1948. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Coleção Antropológica

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. São Paulo: Global Editora, 1933.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

NESS, Alien. *The Art Of Battle*. New York, 2009.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira, LOPES, Simone Magalhães, ALVES, Claudia Aleixo, ALVES, Fábio Padilha. Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 105-131, janeiro/abril de 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. Cartografia Simbólica das Representações Sociais: Prolegômenos a uma concepção pós-moderna do direito. Coimbra. Revista Crítica de Ciências Sociais, 1988.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da animação*. São Paulo: Papyrus, 1990.

Música: Mandamentos Black – Artista: Gerson King Kombo.
<http://test.catarse.me/en/gersonkingcombo>, acessado em 20 de novembro de 2013

2º Congresso Brasileiro de Psicanálise disponível em

< <https://www.youtube.com/watch?v=9OgPnt9rtqc> > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

KRS-One - Out For Fame disponível em

< <https://www.youtube.com/watch?v=pNaQFEy0exI> > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

KRS One sobre o Movimento Hip Hop, Ativismo, Feminismo, Política, etc disponível em

< <https://www.youtube.com/watch?v=l5Wq9X3qjtc> > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

KRS-One Sobre Illuminati, Maçonaria e Hip-Hop disponível em

< <https://www.youtube.com/watch?v=q5O5IUGzEFU> > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

Style Wars disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=wuRr4n1ZTRM> > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

Martha Cooper - Interview Part 1 and Part 2 (HipHop Files, Street Play) disponível em

< <https://www.youtube.com/watch?v=kRPLOaBTBio> e

<https://www.youtube.com/watch?v=m6pLR6vduY8> > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

Martha Cooper: Name Tagging disponível em

< <https://www.youtube.com/watch?v=ez9SZSN3B80> > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

Apocalypto disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=6ZXSXsjiT8> > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

The Freshest Kids disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=rmf-WuKy_Po > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

Documentario SCRATCH disponível em

< https://www.youtube.com/watch?v=2d4kCXFE_Nw > acessado no dia 29 de outubro de 2017.

Warriors, Selvagens da Noite disponível em

< <https://www.youtube.com/watch?v=Z5OpxSieLII> > e também na Netflix acessado no dia 29 de outubro de 2017.

Rubble Kings disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=VIWI8gO6V5E> > e também na Netflix acessado no dia 29 de outubro de 2017.